

RESENHAS

Por livre e espontânea vontade: Constantino e a cristianização do Ocidente

*Eduardo Gusmão de Quadros**

VEYNE, Paul. *Quando nosso mundo se tornou cristão*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009, 187 p.

O papel do indivíduo na história tem sido um tema sempre em pauta. De certa maneira, isso ocorre igualmente com uma questão correlacionada: a função do acaso nos processos históricos. Desde os esforços para profissionalização da historiografia, contudo, essa discussão tem sido jogada para as margens. Ela se insinua, já que não pode ser simplesmente negada, mas emerge sob os controles protocolares da cientificidade.

O erudito e polêmico investigador francês Paul Veyne resolveu tratar dessas questões partindo de um tema fundamental da história ocidental: a decisão do imperador romano Constantino de interromper as perseguições aos que confessavam a fé cristã. Os motivos e as consequências desse ato formam o tema central da obra aqui resenhada.

O texto é escrito com estilo bastante coloquial, fácil de ler, sem deixar de lado, é claro, as eruditas notas complementares nas quais dialoga com a historiografia antiga e recente. Diálogo sempre crítico, reavaliando posições e teses hegemônicas, questionando abordagens generalizadoras. Nada mais pertinente ao ofício de historiador.

Então, coerente com o nominalismo já defendido em outras obras, ele anuncia sua hipótese explicativa: Constantino permitiu que a Igreja cultuasse

* Doutor em História pela Universidade de Brasília. Professor do departamento de história da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e da Universidade Estadual de Goiás.
E-mail: eduardo.hgs@hotmail.com

a Deus livremente simplesmente por sua livre e soberana vontade. Não havia um acordo de interesse mútuo, alguma negociação, vontade de legitimar seu domínio e não se tratava de adotar uma nova ideologia para o Império. Era questão de simpatia pessoal, quiçá, uma conversão.

Este assunto, é verdade, tem sido comentado desde a época constantiniana: O imperador realmente era um cristão? Se era, por que deixara para se batizar somente na hora da morte? Ou por que continuou a permitir as festas para outras divindades, inclusive o culto à dignidade de sua augusta pessoa? Para o autor, essas atitudes não estão em contradição com a fé pessoal no Deus de Jesus. Demonstram, pelo contrário, a grande sabedoria e o grau de tolerância desse líder.

E a conhecida proximidade entre o sol *invictus* e a visão recebida na batalha às portas de Roma? Conforme Veyne, o imperador era demasiado inteligente para confundir as coisas. O sol estava ligado ao trono imperial há tempos e era “mais um símbolo do que um deus” (p. 138). Além disso, só a preconceituosa hiper crítica do século XIX para fazer “pensar que a sua fé estava cheia de confusão e sincretismo e que não fazia uma distinção clara entre Cristo e o deus solar” (p. 184).

Verdade que certos dados são estranhos, permanecendo sem qualquer motivo aparente. Quem haveria, por exemplo, transmitido os ensinamentos cristãos a Constantino? Diferentemente de Agostinho, que escutou impressionado os sermões de Ambrósio, desconhecemos fatos que o relacionem com algum líder eclesiástico. Que tipo de catecumenato ele teria passado? Não sabemos. O papel de sua mãe, canonizada pela Igreja Católica, tampouco é discutido pelo autor. Afirma, destarte, que o imperador se tornara cristão sem influência de ninguém, simplesmente “decidiu que o era; já não acreditava nos falsos deuses, já não lhes oferecia sacrifícios, e isso bastava” (p. 88). “A conversão de Constantino foi um capricho pessoal” (p. 71).

Mas como saber que ele realmente se tornara um bom cristão? Veyne segue de perto os testemunhos deixados por Lactânncio e, principalmente, por Euzébio de Cesárea. Curioso que tenha plena consciência da “hagiografia constantiniana” construída (p. 182) desde o famoso bispo historiador e saiba do tom extremamente elogioso dos autores cristãos descrevendo as ações imperiais. Contudo, isso costuma ser desconsiderado quando utiliza essas fontes. O investigador francês, no geral, confia no que as fontes eclesiásticas afirmam, em que pese seu costume de cotejar com outros documentos.

Do “capricho pessoal”, Constantino tornou-se um cristão sincero, dedicado à Igreja. E o império romano, como chegou a assumir oficialmente essa mensagem religiosa em menos de um século? “Foi por um triz”, afirma o autor (p. 108), faltou muito pouco para o paganismo permanecer com seu

prestígio público e o cristianismo manter-se como uma seita. Isso ocorreu em 361, quando Juliano, apelidado de “apóstata”, assumiu o poder. Sua morte, dois anos depois, interrompeu a obra de restauração politeísta e, por um acaso, o senado escolheu um cristão para assumir o posto. “Foi por um triz, foi como que o comprimento do nariz de Cleópatra”: haviam nomeado primeiro o pagão Salústio, seguidor de Juliano, mas ele recusou o trono. Uma sequência de cristãos se seguiu no posto até que Teodósio I decrete o edito interditando as cerimônias pagãs e tornando o cristianismo a crença oficial do Estado.

Não existe nenhuma lógica na história, na visão de Veyne. Nem lei, nem providência, quem domina são as vontades individuais e o simples acaso. As decisões são relativamente arbitrárias, já que imprevisíveis as consequências dos atos históricos. O nominalismo e a crítica à teleologia são, destarte, radicalizados nessa obra a partir do fato básico que constituiu a cultura europeia e, consequentemente, formou a civilização ocidental.

Formou mesmo? No capítulo de conclusão, a questão é debatida levando em consideração a afirmação do parlamento europeu acerca das “raízes cristãs da Europa”. Óbvio que o erudito historiador discorda, pois nenhuma cultura possui “raízes”. Cada época projeta as origens que lhe vêm a calhar. Mas, o interessante desse capítulo é a *teoria da religião* – claro que ele não chama assim – que termina elaborando.

Fatos religiosos são importantes em diversas culturas. São componentes delas, mas nunca sua matriz. As relações entre o conjunto de crenças que circula em uma sociedade com o comportamento social em geral são bastante complexas para ser posicionadas dessa forma. Há tantas interações e conflitos, tantas maneiras de influência entre os diversos campos sociais, que é necessário ser investigado, sempre, quais seriam as contribuições cristãs. Ah, mas não existem tantas igrejas belas na Europa? Sim, mas existem belos castelos, museus, teatros, estádios... Não foi o cristianismo que gerou a moral social, a preocupação com o próximo e o altruísmo? Historicamente, afirma o autor, talvez o Iluminismo tenha sido mais importante, pois as guerras em nome do “Deus de amor” seguiram-se por séculos.

Enfim, “a religião é apenas um fator entre muitos outros, que só tem eficácia quando sua linguagem se torna realidade, quando encarna em instituições...” (p. 152). Não há, portanto, religião em si, mas uma confluência de forças, fatos, sentidos e processos em que, diante do acaso, os seres humanos tentam tirar o melhor proveito para suas vidas. Na ótica do autor, a história da “civilização cristã” foi, é e continuará sendo imprevisível.